



Cultivar e guardar a criação

Estudo exegético de Gn 2,15

Recebido: 31/10/2016. Aprovado: 10/11/2016.

*Ney Brasil Pereira**

Resumo: O lema, ou seja, o versículo inspirador da Campanha da Fraternidade deste ano, Gênesis 2, 15, que nos apresenta a missão dada por Deus ao ser humano, recém-plasmado do solo. O Senhor Deus o estabelece no jardim do Éden, com a missão de “cultivá-lo e guardá-lo”. Sem pretender tratar exaustivamente do tema, o artigo faz primeiro um breve estudo do texto original, hebraico, do versículo, e de suas versões grega e latina, para a seguir apresentar algumas amostras de interpretação, desde Santo Agostinho até o Papa Francisco, na *Laudato Si'*, concluindo com algumas propostas.

Palavras-chave: Campanha da Fraternidade. Lema bíblico. Exegese. Ecologia.

Abstract: The slogan, that is, the inspiring biblical verse for the Fraternity Campaign of this year, is Gn 2.15, which presents God given mission to the human being, recently formed from the soil. The Lord God establishes him in the garden of Eden, with the mission of cultivating and caring for it. Without pretending to thoroughly study the theme, the paper first examines briefly the original Hebrew text of the verse, and then its Greek and Latin versions and secondly presents some samples of interpretation, since Saint Augustine until Pope Francis, in his *Laudato Si'* encyclical, concluding with some practical proposals.

Keywords: Fraternity Campaign. Biblical slogan. Exegesis. Ecology.

* Mestre em Ciências Bíblicas (1973), Pontifício Instituto Bíblico, Roma. Ex-membro da Pontifícia Comissão Bíblica. Professor emérito da FACASC, Florianópolis, SC.





Introdução

A Campanha da Fraternidade do ano passado, 2016, chamando a atenção para a necessidade do saneamento básico, escolheu como lema um versículo de Amós, que comparava o direito e a justiça, bases da fraternidade, à límpida água corrente: *Que o direito flua como a água, e a justiça como riacho perene* (Am 5,24). Este ano, abordando a temática aparentemente remota dos biomas¹, o versículo inspirador é o 15º do cap. 2º do Gênesis, que nos apresenta a missão dada por Deus ao ser humano recém- plasmado do solo. Deus o estabelece no jardim do Éden, com a missão de “*cultivá-lo e guardá-lo*” (Gn 2,15). Sem pretender tratar exaustivamente do tema, o artigo faz primeiro breve estudo do texto original, hebraico, do versículo, e de suas versões grega e latina, para a seguir apresentar algumas amostras de interpretação, desde Santo Agostinho até o Papa Francisco, na encíclica *Laudato Si'*, concluindo com algumas propostas.

O texto

O **texto original** hebr., no TM, está bem transmitido, sem problemas de crítica textual. Ei-lo, transliterado e com a tradução literal:

wayíqqaḥ 'adōnay 'elohîm 'et hâ 'âdâm = “e tomou o Senhor Deus o humano”

[literalmente, *'adâm* = feito da *'adâmâh*²]

wayyannahû began 'êden = “e pousou-o no jardim do Éden

le 'ovdâḥ ûleshomrâḥ = “para trabalhá-lo e para guardá-lo” [Nota: o sufixo feminino em hebr. refere-se à *adamâh*, feminino, em português o solo, masculino].

Na Septuaginta, o **texto grego** apresenta algumas modificações em relação ao texto original. Como fizemos com o texto hebr., vamos transliterá-lo e traduzi-lo:

¹ Segundo o AURÉLIO, é uma extensa área geográfica, caracterizada por um tipo de vegetação dominante, em que os organismos que nela vivem são adaptados às condições climáticas a ela associadas.

² CHOURAQUI, A., na sua versão semitizante (in *La Bible*, Desclée de Brouwer, 1989), traduz *'adam* por “glébeux”, em português: “terroso” (de terra), “barroso” (de barro). Antes de CHOURAQUI, já AMSLER, S., num artigo publicado em 1958, na *Rev. Théol. Phil.* 2, 107, propusera a tradução de *'adam* por “terreux” (“terroso”).



kai élaben kýrios ho theòs tôn ánthrôpon hòn éplasen = “e tomou o Senhor Deus

o homem *a quem plasmara*

kai étheto autòn en tô paradeísô = e colocou-o no jardim [parque, pomar]

ergázesthai autón kai fylássein = para trabalhá-lo e guardá-lo.

Na Vulgata, **texto latino** de S. Jerônimo:

tulit ergo Dominus Deus hominem = e tomou o Senhor Deus o homem

et posuit eum in paradiso voluptatis = e colocou-o no jardim *de delícia*

ut operaretur et custodiret illum = para trabalhá-lo e guardá-lo.

A **Nova Vulgata** reproduz o texto da Vulgata, exceto na questão do jardim: em vez de, seguindo Jerônimo, entender o hebr. *éden* como “prazer” ou “delícia”, optou por entendê-lo como nome de lugar: o jardim “de Éden”, à semelhança de todas as traduções modernas. Caberia então aqui a pergunta: como Jerônimo fundamenta a sua tradução? E a resposta é que, realmente, o vocábulo “Éden”, em hebr., tem os dois sentidos, nas cinco vezes em que aparece nos capítulos 2 e 3 (2,8.10.15; 3,23.24), enquanto, no c. 4,16, o sentido é inequivocamente, também para Jerônimo, o de nome de lugar. Em alguns profetas, Éden era o “jardim de Deus”, proverbial pela sua beleza (Is 51,3; Ez 31,8-9; Jl 2,3).

Comentários

Santo AGOSTINHO, com a sua argúcia e criatividade habitual, assim escreve no seu comentário³ a Gn 2,15: “Vejamos o que quer dizer o que foi dito: *Para trabalhá-lo e guardá-lo*. Acaso, talvez, o Senhor quis que o primeiro homem se dedicasse à agricultura? Não é plausível que Deus o tenha condenado ao trabalho antes do pecado. Pensaríamos assim com razão, se não víssemos o enorme prazer com que alguns se dedicam à agricultura, a ponto de ser para eles um grande castigo serem afastados desta atividade. Ora, o que a agricultura oferece em termos de prazer, era muito maior naquela época, quando nada acontecia de adverso na terra ou no céu. Com efeito, não havia o suplício do trabalho,

³ AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis* [título original: *De Genesi ad litteram*], trad. de Agostinho Belmonte, São Paulo: Paulus, 2005 (Col. Patrística, 21), p. 285-286.



mas o regozijo da vontade, visto que as coisas que Deus criara cresciam mais viçosa e prodigamente com a ajuda do trabalho humano. [...] Não esqueçamos, porém, que *nem o que planta nem o que rega é alguma coisa, mas Deus, que dá o crescimento* (1Cor 3,7). Pois o trabalho que vem de fora vem por meio daquele que Deus criou e a quem governa e ordena de modo invisível!”

Continua Agostinho: “Mas o que significa: *Para guardar?* Guardar o quê? Seria o paraíso? Contra quem? Certamente não se temia nenhum inimigo invasor, nenhum perturbador de limites, nenhum agressor. Portanto, como haveremos de entender que o paraíso corporal pudesse ser guardado materialmente por um homem? A Escritura não disse: ‘Para cultivar e guardar o paraíso’, mas: *Para cultivar e guardar*. A não ser que reproduzamos do grego ao pé da letra: *Deus tomou o homem a quem criou e o pôs no paraíso para trabalhá-lo e guardá-lo* (Gn 2,15). [...] Não se diga, porém, ‘para trabalhar o paraíso’, mas ‘no paraíso’. [...] Quanto a ‘guardar no paraíso’ significa guardá-lo em si mesmo pela disciplina, ou seja, assim como a terra obedecia a ele, que a cultivava, também ele obedecesse a seu Senhor que lhe dava um preceito, a fim de que, tendo recebido a ordem, produzisse o fruto da obediência e não os espinhos da desobediência.”⁴

Ainda Agostinho: “Assim, o homem foi posto no paraíso para trabalhar o mesmo paraíso, por uma atividade agrícola não trabalhosa, mas agradável, e que despertaria a atenção da mente do prudente para as coisas grandes e úteis; mas guardasse o paraíso para si mesmo, nada admitindo que lhe merecesse ser dele expulso. Finalmente, recebeu um preceito para que houvesse um meio de guardar o paraíso para si, ou seja, para que, observando-o, não fosse dele expulso.”⁵

Aprofundando sua interpretação, prossegue o Santo Doutor: “Há nessas palavras outro sentido, o qual, conforme penso, deve ser preferido: que o próprio Deus trabalhasse o homem e o guardasse. Com efeito, assim como o homem trabalha a terra, não para fazer com que seja terra, mas para torná-la cultivada e frutífera, assim Deus trabalha muito mais o homem que ele criou, não para que seja homem, mas para que seja justo, se o homem não se desviar dele pela soberba, isto é, não apostatar de Deus, o que, conforme diz a Escritura, é o início da soberba:

⁴ Id., *ibid.*, p. 287-288.

⁵ Id., *ibid.*, p. 289.



*O princípio da soberba é apostatar de Deus (Sr 10,12/14)⁶. [...] Mais. O Senhor Deus tomou o homem, a quem fez, e o pôs no paraíso para trabalhá-lo, para que fosse justo, e guardá-lo, para lhe dar segurança, certamente com o seu divino domínio, que não aproveita a Ele, mas sim a nós. Com efeito, Ele não necessita da nossa servidão, mas nós necessitamos do seu domínio, para que Ele nos trabalhe e guarde; e, por isso, somente Ele é o verdadeiro Senhor, porque não o servimos para seu proveito, mas para o nosso. [...] Por outro lado, não o servimos com o interesse da nossa utilidade e salvação, como se esperássemos algo dele que não seja Ele mesmo. Ele é a nossa suma utilidade e salvação. Pois amamo-lo gratuitamente, conforme aquelas palavras: *Quanto a mim, estar junto de Deus é a minha felicidade (Sl 73/72,28).*”⁷*

Estes excertos do comentário de Agostinho, relativamente longos, creio que dão boa noção do método exegético do Hiponense. Talvez não tenham aquela clareza que desejaríamos, pois se trata de uma tradução do texto original latino, que não pude verificar mais detidamente.

Sintetizo agora Cornélio A. LÁPIDE⁸, no seu comentário. Ele observa que o homem, criado “fora do paraíso”, foi para aí “trasladado”, por um dom gratuito de Deus, dom que não lhe era devido por natureza. Tanto assim que, depois, pelo pecado, foi daí expulso. “*Para que o cultivasse*”: não para conseguir alimento, mas para se ocupar prazerosamente. A propósito, vejam-se as qualidades da agricultura: sua antiguidade e sua dignidade, por ter sido instituída pelo próprio Deus e praticada por todos os antigos personagens, a começar por Abel, Set, Noé, Abraão, Isaac, Jacó. Também sua “inocência”, porque a agricultura a ninguém prejudica, mas a todos favorece. Veja-se o elogio de Virgílio: “*Felizes os agricultores, que reconhecem as suas vantagens: a eles a terra, justíssima, longe das armas discordes, oferece fácil alimento!*”⁹ Também Cícero: “*Entre todas*

⁶ Id., *ibid.*, p. 289-290.

⁷ Id., *ibid.*, p. 290-291. Nesta passagem, Agostinho procura um motivo teológico para o aparecimento do título “Senhor”, em latim, *Dominus*, junto com “Deus” a partir do cap. 2º do Gênesis (*Dominus Deus*, traduzindo o hebr. *YHWH 'Elohim*), quando no Hexaémeron (Gn 1) o sujeito é somente “Deus”. Evidentemente, no seu tempo seria anacrônica a nossa preocupação crítica com as “fontes” do Pentateuco.

⁸ LÁPIDE, Cornélio A., jesuíta belga, professor em Louvain e depois em Roma, falecido em 1637, publicou em vários volumes um longo Comentário a todos os livros da Bíblia, em latim. Temos integralmente essa obra na biblioteca da FACASC, na edição publicada em Veneza, em 1740.

⁹ Texto original: *O fortunatos nimium, sua si bona norint, / Agricolas! Quibus ipsa procul discordibus armis, / Fundit humo facilem victum justissima tellus (Virg., 2. Georg.).*



as coisas, nas quais algo se busque, nada é melhor do que a agricultura, nada mais fértil, nada mais doce, nada mais digno do homem livre.”¹⁰ E Santo Agostinho: “*A agricultura é a mais inocente das artes. No entanto, o maniqueu Fausto a condenou, dizendo que os agricultores violam o mandamento de Deus, não matará! De fato, por esse mandamento, segundo Fausto, não se pode tirar a vida de nenhum vivo, e no entanto, os agricultores, colhendo as plantas e frutas, as privam de sua vida...*”¹¹ A seguir, o Jesuíta cita algumas passagens do Comentário ao Gênesis de Agostinho, que coincidem com as que reproduzimos acima.

No Comentário relativamente recente do exegeta italiano E. TESTA ao livro do Gênesis¹², lemos o seguinte: O v. 15 retoma o v. 8b, depois da amplificação sobre os rios, especifica-o e o desenvolve. O homem, que foi plasmado *fora* do paraíso, na *'adâmâh*, foi posto, em seguida, no jardim. Esta transladação não aconteceu de modo natural, mas por livre intervenção de Deus, o qual *wayyiqqah*, “arreatou” o homem, como o fará depois com Henoc, para trasladá-lo consigo a uma esfera preternatural (Gn 5,24, cf. 2Rs 2,10), e colocou-o no jardim. O verbo *wayyannihehu* indica a meta de um movimento, especialmente extático (Zc 5,11; Dn 14,35) a um lugar de repouso (*nuah*: repousar, cf. 5,29), no qual porém o homem não podia permanecer ocioso, devendo como servo “trabalhá-lo” (*âbad*) e guardá-lo (*shâmar*). São estas as duas ocupações de quem recebe em consignação uma parte de terreno de um patrão: fazê-lo frutificar e impedir sua deterioração. O jardim pertence a Deus, e o homem é seu dependente, devendo cuidar dele como um hábil agricultor, para o seu Senhor. A propósito, observa CASTELLINO, G.¹³: ‘À primeira vista, esta finalidade pareceria contrária, ou pelo menos diferente, da finalidade confiada ao homem do *Enuma elish*, isto é, o serviço dos deuses’. Adão por isso é encarregado de executar um trabalho *sagrado*, isto é, de continuar a obra criadora de Deus, levando-a ao seu cumprimento e guardando-a, quem sabe, não deteriorando-a com o pecado (3,17; Rm 3,20). Comentaré, porém, Santo AGOSTINHO:

¹⁰ Texto original: *Omnia rerum, ex quibus quid exquiritur, nihil est agricultura melius, nihil uberius, nihil dulcius, nihil libero homine dignius* (Cícero).

¹¹ Texto original: *Agricultura artium omnium innocentissima. Hanc tamen impius damnare ausus fuit Faustus Manichaeus, quod diceret agricolos violare praeceptum Dei non occides, eo enim vetari, ne ullum vivens vita privemus: agricolos autem segetes demetendo, pira, poma, aliasque plantas carpendo, eas sua vita privare* (Augustinus).

¹² TESTA, E. *La Sacra Bibbia. Genesi. Introduzione. Storia Primitiva*. Torino: Marietti, 1969.

¹³ VT *Suppl.* 4, 1957, 133.



‘Não havia a aflição da fadiga, mas a alegria da vontade, dado que as coisas que Deus tinha criado, com a ajuda do trabalho humano, deviam despontar de modo mais alegre e fecundo, a fim de que o próprio Criador fosse louvado mais abundantemente’¹⁴

Vejam também o que escreve CHAMPLIN, R.N., no seu comentário¹⁵: “O homem estava apenas iniciando sua carreira. O Pai proveu-lhe uma habitação, por certo um dos principais cuidados que qualquer pai tem com seus filhos. [...] Este versículo é uma virtual repetição do v. 2,8, que especifica de que jardim se trata. *Para o cultivar e o guardar*. Na ocasião, o homem recebeu um trabalho para fazer. Não foi deixado no ócio. A tarefa era cultivar e tomar conta do jardim que Deus havia preparado. Portanto, o seu trabalho era feito para Deus, um serviço divino. Cada indivíduo tem seu próprio jardim para cultivar e proteger, o que, sem dúvida é uma das lições espirituais sugeridas neste texto. Idealmente, cada ser humano tem uma missão ímpar a cumprir. Sua vida deveria ser vivida de tal maneira que ele descobrisse essa missão e então a cumprisse. Nessa linha, *cada indivíduo é um jardineiro*. Toda pessoa tem algo de importante para amar e para cuidar. Há um nobre serviço a ser realizado. [...] Cada missão tem uma provisão divina para que seja devidamente levada a efeito. [...] Aben Ezra¹⁶ referiu-se à necessidade de proteger o jardim do Éden ‘das feras’. Elementos estranhos que impedem a tarefa devem ser evitados ativamente.” Bastante originais essas observações de Champlin, em comparação com os comentários acima.

ALONSO-SCHÖKEL, na sua “Bíblia do Peregrino”, assim comenta Gn 2,15: Primeiro, chama-o de “síntese”, antes que se introduza o tema do mandamento, que vem no v. 16. E explica a síntese: “Dois verbos resumem o dom: *tomar e colocar*; e outros dois resumem a tarefa: *guardar e cultivar*. Os primeiros são usados em contextos de restauração: do exílio ou da diáspora, para a terra prometida, p. ex. Ez 36,24: *Eu vos recolherei das nações, vos reunirei de todos os países e vos levarei à vossa terra*; e Ez 37,21: *Isto diz o Senhor: Eu vou recolher os israelitas das nações para onde partiram, vou congregá-los de todos os lugares e*

¹⁴ TESTA, E., op. cit., p. 288-289.

¹⁵ CHAMPLIN, R.N., *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 1, São Paulo: Candeia, 2000, p. 27. O mesmo autor já nos brindara com obra congênere sobre o Novo Testamento: *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, em 6 volumes, São Paulo: Millennium, 1979.

¹⁶ ABEN EZRA (1092-1194), rabino judeu, de origem espanhola, famoso pelos seus comentários bíblicos e ensaios de filosofia religiosa.



vou repatriá-los. Os outros dois verbos são típicos da exortação à Lei, com o significado de *cumprir e guardar*.¹⁷ A novidade do breve comentário de Alonso-Schökel está na rica fórmula “dom e tarefa”, subjacente, p. ex., à teologia do Êxodo: como Israel, libertado da escravidão, foi conduzido à Terra prometida para aí gozar da liberdade guardando os mandamentos, ou seja, como escreveu AUZOU, passando “da servidão para o serviço”¹⁸, assim também o Humano, plasmado por Deus, foi por ele conduzido ao paraíso com uma tarefa: “para cultivá-lo e guardá-lo”. É a mesma ideia que encontramos no final do Sl 105: *Fez seu povo sair com alegria, / seus eleitos, com gritos de júbilo. / E deu-lhes as terras das nações, / e tomaram posse das riquezas dos povos, / a fim de guardarem seus preceitos / e observarem suas leis* (Sl 105,43-45). Ou então, como se expressou Zacarias, o pai de João Batista, no seu *Benedictus*: *... para que, sem medo e livres dos nossos inimigos, / nós O sirvamos / com santidade e justiça na sua presença, / todos os dias de nossa vida* (Lc 1,74-75). Sempre, portanto, o dom – para uma tarefa.

Enfim, o Papa FRANCISCO, na sua encíclica “sobre o cuidado da casa comum”, a *Laudato si'*¹⁹, por três vezes cita o nosso versículo. Primeiro, no n. 66, quando adverte: “A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída, por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este fato distorceu também a natureza do mandato de “*dominar*” a terra (Gn 1,28) e de “*a cultivar e guardar*” (Gn 2,15). Segundo, no n. 67: “É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a *cultivar e guardar* o jardim do mundo (cf. Gn 2,15). Enquanto ‘cultivar’ quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, ‘guardar’ significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a *proteger* e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras”. Terceiro, no n. 124, ao falar da dignidade do trabalho humano: “Segundo a narrativa bíblica da criação, Deus colocou o ser humano no jardim recém-criado (Gn 2,15), não só para cuidar do existente (*guardar*), mas também para trabalhar nele a fim de que produzisse frutos (*cultivar*)”.

¹⁷ ALONSO-SCHÖKEL, L. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002 (trad. do original espanhol de 1997), p. 18-19.

¹⁸ AUZOU, Georges. *De la servitude au service*. Paris: Ed. de l’Orante, 1968.

¹⁹ Publicada em 24-05-2015.



Quanto ao “*guardar*”, estranhei que, no n. 70, Francisco não tenha lembrado que a resposta meio desafortada de Caim a Deus, em Gn 4,9, nega exatamente essa incumbência dele em relação a seu irmão Abel: “Acaso sou eu o *guarda* do meu irmão?”²⁰ Por outro lado, é evidente a novidade da interpretação de Francisco em relação aos intérpretes anteriores: o indivíduo “Adão” é agora inequivocamente o ser humano do século XXI, e o “jardim” é agora o planeta, a casa comum, tecnologicamente explorada e urgentemente necessitada de cuidado.

Conclusão

Espero que a análise acima tenha ajudado a perceber a dimensão extraordinária desse breve versículo marcado pelos quatro verbos – *tomar e colocar, cultivar e guardar* – os dois primeiros tendo por sujeito o próprio Criador, e os dois últimos, a sua criatura, nós, os seres humanos. Confirmando o que já Gregório Magno, no início do séc. VII, observava, em relação ao crescimento da compreensão da Escritura com a sua sucessiva leitura – *Scriptura crescit in legendo*²¹ – aliás, segundo a promessa do Senhor em Jo 16,13²², é impressionante a riqueza de sentido novo que esse texto adquiriu neste início do 3º milênio, justificando plenamente a sua escolha como lema inspirador da próxima Campanha da Fraternidade. Renovando a consciência de que somos criaturas, não donos deste planeta especial que recebemos de presente em nosso sistema solar, cabe-nos a tarefa de *cultivá-lo e guardá-lo*. E isso não só como indivíduos, com nossa responsabilidade ecológica individual, mas também como espécie, a humanidade, organizada nacional e planetariamente.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. Comentário ao Gênesis [título original: De Genesi ad litteram], trad. de Agostinho Belmonte, São Paulo: Paulus, 2005 (Col. Patrística, 21), p. 285-286.

²⁰ Em hebr.: *hashshômêr 'âhî 'ânôkî?*

²¹ Cf. *Dei Verbum*, n. 12: “... cresce, com efeito, a compreensão tanto das coisas como das palavras transmitidas, seja pela contemplação e estudo dos que creem [...], seja pela íntima compreensão que experimentam [...]. A Igreja, pois, no decorrer dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que se cumpram nela as palavras de Deus”.

²² *O Espírito da Verdade vos guiará à plenitude da Verdade.*



ALONSO-SCHÖKEL, L. Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002 (trad. do original espanhol de 1997), p. 18-19.

AUZOU, G. De la servitude au service, Paris, Ed. de l'Orante, 1968.

CHAMPLIN, R. N. O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo, vol. 1, São Paulo: Candeia, 2000, p. 27.

CHOURAQUI, A. La Bible. Paris: Desclée de Brower, 1989.

LAPIDE, Cornelius A., Commentaria in Pentateuchum, vol. I, Venetiis, 1740, Typ. Balleoniana, p. 54-55.

TESTA, E. La Sacra Bibbia. Genesi. Introduzione. Storia Primitiva. Torino: Marietti, 1969.

E-mail do autor:
ney.brasil@itesc.org.br